



PROPRIEDADE DO CLUBE X

REDACTORES PRINCIPAES

Conde da Floresta Negra, Dr. Grotins, Visconde de Cock Tail
e Vice-Consul dos Paizes Baixos.

Publica-se duas vezes por mez. — As assignaturas são gratis.

ANNO I.

RIO DE JANEIRO 30 DE MAIO DE 1868.

N 18

Rio, 30 de Maio de 1868.

Eu quizera escrever no cabeçalho deste artigo a symbolica e miritica palavra—carapuça—que bem define e se applica a todas as cousas, pelo privilegio que tem da elasticidade, mas abstenho-me de o fazer para fugir ao risco de me appellidarem —carapuceiro.—

Sou por demais escrupuloso para que não tivesse algum ressentimento se me atirassem um epitheto tão feio.

Carapuceiro ! oh ! Faz-me lembrar tanta cousa insupportavel! Vejo passar diante de mim todas aquellas cabeças para as quaes se pôde talhar uma, duas e mais carapuças.

Primeiro é a do poeta, cheia de novas figuras e de uma engenhosa arte poetica propria para Mussulmanos.

Depois é o Barreto Bastos, com o seu chapéu branco de abas largas, unico n'aquelle genero, meditando algum poema que venha supplantar o D. Jayme ou a Ulysséa.

D'ahi a pouco é o mathematico improvisado, capaz de resolver por uma equação algebrica, o problema celebre cujos dados conhecidos são os dias de viagem de um navio e os temporaes que elle apanhou em alto mar, e cujo resultado deve ser a idade do capitão.

Logo vem o Mal das Vinhas com a sua pharmacopéa originalissima e os seus humanitarios conselhos, atordoando o universo inteiro, pretendendo salvar a humanidade dos males que a sciencia não tem conseguido dominar.

Em seguida, um carola de chapéu enterrado até aos olhos, barbas compridas, calças largas e

meio lambuzadas, o pescoço enrodilhado em uma gravata de 3 pollegadas de altura confundindo-se com um *quaker* ou Robespierre se vivo fosse, affectando a mais delicada affabilidade e trabalhando na consciencia um plano de vingança ou uma accão má qualquer. E' o *faux bon homme* do dramaturgo francez.

Mais tarde, passa tambem um philanthropico santarrão apregoando as suas obras de caridade e o seu caracter humanitario.

Vem depois o romancista festejado, fundador de uma nova escola, que depois de ter lido os contos suecos, em um momento lucido em que a reminiscencia lhe foi pouco clara, escreveu o decantado « Lenço de Luiz XIV. »

Em seguida aquella cohorte de invejosos que atira insultos quando a saliva não pôde manchar.

Depois uma chusma de homens altos, magros, gordos, baixos, de todas as classes, uns vermelhos outros pallidos, etc. e finalmente fechando este prestito recommendavel o *creanço* que tanto se impressionou com o meu pseudonymo, chegando a ameaçar-me que faria desta questão pequena uma questão diplomatica que seria resolvida pelos poderes superiores.

Ora bolas, digo eu. E hade um christão sujeitar-se a ouvir pacificamente estes despropositos?

O que é, porém, mais interessante, é que o tal beato não tugio nem mugio ao receber a carapuça; teve medo de ouvir estourar uma gargalhada homerica de cada circumstante, cada vez que fizesse os seus commentarios.

E' que talvez a detonação lhe fizesse mal; atiral-o-hia sem duvida do pincaro de gloria a que presume ter-se elevado ao mais ridiculo dos ridiculos.

Terminando, declaro que apezar das *linguinhas de prata* como disse o Pick Nick, e apezar da diplomacia, continuo a assignar-me,

VICE-CONSUL DOS PAIZES BAIXOS.

LEMBRANÇAS.

A. F.

Lembras-te ainda, amigo, d'essas passadas noites de primavera, em que o ar era puro, o céo estrelado, e a lua silenciosa percorria o espaço, derramando uma luz pallida e melancholica sobre a nossa casinha campestre?

Lembras-te ainda d'esses bons tempos da vida academica, quando viamos tudo atravez de um prisma bem enganador, quando tudo nos sorria na natureza, e só venturas e alegrias nos cercavam?

Lembras-te d'aquella chacara, fronteira á nossa, a alvejar tão linda e tão bella, onde vias louco de alegria uma janella clareada por tenue raio de luz, que para ti era pharol de esperança, que te allumiava na solidão de teu amor?

Quão doce te era então o viver!

Era porque alli, n'aquella janella te esperava sempre anciosa, aquella que te via nos sonhos do dia e nos da noite, na oração e nos folguedos, nas lagrimas e nos sorrisos, em toda a parte em fim. Tinhas lá a tua Elvira e só ella!...

Vivieis alheios ao mundo em perenne primavera de amores, e eu, satisfeito só com o ver a tua felicidade, vivia tambem esquecido do mundo, dos seus enganos e defeitos, indiferente ao que se passava em volta de mim, embebido constantemente na contemplação d'aquelle filho dilecto da minha imaginação, d'aquelle ideal sublime, que bem conheces.

E hoje?!

Hoje ainda a nossa casinha campestre existe; ainda a chacara fronteira á nossa alveja com a mesma pompa de outr'ora; ainda a mesma janella tem a mesma luz, que tu chamavas — minha estrella — e no entanto quão diversos estamos nós!

Quão amargo e pezado te é hoje o viver!

E' porque hoje tens alli quem te aborrece, quem te pragueja dia e noite, quem te paga amor com odio, quem amaldiçõa as horas mais felizes que passaste no mundo, quem te roubou o sorriso de ventura que te despontou aos labios; tens um rival e rival preferido.

« *Femme, enfant malade et douze fois impur.* »

E eu? Em vão procurei esse filho dilecto da phantasia, jámais o achei; e aqui me vão escoando-se os dias ora alègres, ora tristes e melancolicos, e até nessas horas, em que mais grato me é o mundo, sinto dentro do peito um vacuo immenso, que bem difficilmente poderá encher-se.

E' porque não ha para mim um ente amado, que me volva uns olhos meigos, capazes de rarificar a sombra opaca que me obscurece a existencia annuveada, um anjo tutelar, que me exalte o pensamento e me infunda um amor immenso como o infinito.

Tão só, tão isolado, não sei como guiar o fragil baixel da existencia no meio das encapeladas ondas de desenganos e desillusões que me cercam.

Naufragarei talvez... mas não, que no horizonte da minha crença, a esperança me anima e conforta, e talvez encontre ainda estrella amiga, que me guie a salvamento, quem sabe?

DR. GROTIUS.

LE PETIT MISERABLE.

Foi á scena no Alcazar Lyrico a scena dramatica escripta pelo Sr. A. Hubert, posta em musica pelo joven brasileiro Ricardo Ferreira de Carvalho.

A peça cahio.

Uns querem attribuir a sua queda á má interpretação que lhe deu M.^{me} Val-Monca, e outros ao pouco merito, tanto do libretto, como da composição musical.

Alguns bonapartistas *enragés* encommoraram-se vivamente com a *marseillaise*, cuja prohibição em França nada influio sobre a idéa de Verdi, quando escreveu o magnifico *Hymno das nações* para a exposição de Londres.

Tivemos occasião de ouvir esse hymno, e de apreciar o effeito brilhante que produziu.

E' que alli era Verdi que figurava e não Ricardo Ferreira de Carvalho. Alli era Verdi que aproveitava magistralmente diversos hymnos e foi sem duvida por ser *elle* que ninguem se encommorou com isso.

Lastimamos profundamente que o Sr. Arnaud não se mostrasse mais dedicado, quando se tratava da composição, não sómente de um seu compatriota, como tambem de um joven brasileiro.

Temos visto ir á scena no seu theatro peças que se sustentam unicamente baseadas no luxo da *mise en scene* e no bom desempenho de um

ou outro papel, perdendo o seu tempo aquelle que por acaso procurava o seu merecimento litterario ou musical.

Assim acreditamos que se alguma cousa mais se tivesse feito, tanto na *mise en scene*, como na escolha da artista para o papel que desastradamente cahio nas mãos de M.^{me} Val-Monca; o publico teria recebido de outro modo o interessante episodio dos *Miseraveis* de Victor Hugo.

Não queremos elevar o merecimento da composição dos dous senhores. O nosso unico fim é pedir ao Sr. Arnaud que faça mais alguma cousa no caso de leval-a segunda vez á scena, escolhendo uma artista que comprehenda e saiba interpretar convenientemente o typo bastante original do *Gamin de Paris*.

M.^{me} Aimée, no nosso entender é a unica que poderia salvar o *petit Gavroche*, é a unica capaz de fazer apparecer o merecimento que incontestavelmente tem o trabalho dos Srs. Hubert e Ricardo Ferreira de Carvalho.

MARIUS.

A ROSA.

— A PICK NICK. —

Bella rosa! Quanto era suave a fragancia, que exhalavas! Quanto era mimosa a cõr que te ornava, ha poucos dias!

Quando, ha tempos, tu eras ainda um pequenino botão, vinha eu todas as manhãs admirar-te, vinha eu ver-te desabrochar gradualmente, e bem grato me era então aquelle tempo, que junto a ti passava.

Era então a quadra feliz dos meus amores.—

Eu amava e era correspondido n'esse affecto sublime, que me inebriava de delicias innumerias.

Vêr-te então, minha rosa, era o mesmo que contemplar aquelle anjo.

Ella era bella e rubicunda como tu eras—e pura—e casta.

Quando eu volvia os olhos para ti, e te via ao romper da aurora, coberta do vivificador orvalho da noite, sahia-me a medo do peito uma expressão sentida, que me vinha mansamente morrer aos labios.

Oh! Como tu é o meu amor.

— E o amargo desta expressão dôce assalta-me agora o espirito dia e noite, porque já não posso dizer hoje o mesmo...

— Eu era então o teu guarda fiel, porque ella impoz-me esse não penoso dever; passava eu ahí os dias a livrar-te da herva agreste, que

vinha profanar o teu pé mimoso, assim como ella passava as suas horas de remanso e solidão a contemplar-te formosa.

Tu eras o espelho fiel, em que se retractava a sua candida innocencia.

Afinal a seiva em que abundavas, fez-te desabrochar, mas então... o duro norte veio desfolhar-te irado.

Quando tu ias mostrar ao mundo o teu seio virginal, obra prima da natureza, eis que chega o cruel destino, e grava-te o seu cunho fatal...

Ella, que em tudo era a tua similitud e imagem, tambem succumbio ao irresistivel poder da sorte ingrata...

Caía-te uma folhinha, e esvaía-se então uma quadra de illusões risonhas e fagueiras, que facilmente fascinavam o meu anjo,— murcha-se outra, e ao mesmo tempo no peito divino d'aquelle anjo morria tambem uma esperança.

Ambas se finam no viço da idade.

Tu, oh! minha rosa, acabarás para todos sem deixar saudades, porquanto lá fica ainda o tronco fertil, que te déra a vida; dentro em breve tempo serás substituida por outra, talvez ainda mais bella, mais fragrante, e mais duradoura; mas ella... essa rosa dos anjos, essa emperea flor, essa violeta odorifera, esse nenuphar sublime, esse casto lyrio do valle, acabará para sempre e deixará saudades, saudades inconsolaveis, e que me acompanharão ao tumulo.

Tu eras, oh! rosa sublime, o emblema da castidade, mas ella era a propria virtude, e tambem a incarnação do amor em corpo de fada.

DR. GROTIUS.

27 de Maio.

CHRONICA.

Rio, 29 de Maio de 1868.

Já ha duas horas que procuro um titulo, e, palavra de honra que ainda não sei por onde principiar.

Que heide principiar pelo principio isto é o que não padece duvida; mas como hade ser este principio, se eu não sei como principiar.

Principiarei a minha chronica sem mecher na chronica do proximo. Sei que é mal chronicado muita gente, que toca rabeca sem auxilio do instrumento.

Paganini em uma só corda chorava e gemia. Os rabequistas sem instrumento fallam e riem em todas e de todas as cordas desde a prima até a avó.

Tomam assento á cabeceira de uma mesa, e enquanto se serve o chá, esta gente começa o concerto com um preludio em *dó* natural, capaz de abalar sem *dó* nem compaixão a mais imaculada reputação.

Que Deus nos livre *per omnia secula* desta boa gente, que morde a gente sêm que a gente saiba que é mordido por semelhante gente.

Dito isto eu *principio*.

Gosto de uma rabeca e ainda mais de um rabecista quando elle sabe manejar o seu instrumento e quando rodeado de meia duzia de bons apreciadores elle sabe fallar-lhes á alma e dizer-lhes na sublime linguagem da musica, que ha um céo para os bons, e que neste céo ha sensações e harmonias que encantam e deleitam.

Já vêm que quem falla assim, sabe dar o devido valor ao chorar de uma *prima*, sem fallar da vida alheia.

Ora, nós que nunca conseguimos fazer chorar a *prima*, nunca deixamos de admirar as lagrimas umas vezes sentidas e tristes, outras vezes animadas e quentes que della brotam sobre a pressão de um arco bem manejado.

Se, porém, ao lado desse arco estiver outro arco, mais outro e mais outro; outras tantas rabeças e outros tantos instrumentos de construção e natureza diferentes:— tereis uma orchestra.

O leitor admite que estejam alli esses outros e outros e nós affiançamos-lhes que estão.

Toca-se a ouverture da *Muda de Portici*. Que *ensemble!*— que accordes cheios e harmoniosos!— como corre ligeira e desassombrada essa torrente de sons tão diversos e ao mesmo tempo tão unidos por uma lei mysteriosa e melodica! Ouvi, como parece, affastar-se, perdendo-se ao longe. As estantes, as luzes, os musicos! tudo parece confundir-se e agrupar-se no longíquo fundo, para depois se despenhar como caudaloso rio, n'aquelle *tutti* em que reside a alma da ouverture.

Não sei se devo aqui confessar que assisti a um concerto no Club Mozart e que foi lá que ouvi a ouverture de que fallo.

Foi lá mesmo e não me arrependi de lá ter estado.

Ouvi lá tão boa musica que tive recordações e saudades da Opera-lyrica-italiana.

Não sei se os leitores sabem, visto fallar em Opera-lyrica-italiana, que infelizmente gorou a impreza do Dr. Gati. E' uma noticia esta que dou com bastante pezar.

Creio que o Dr. Gati quiz segurar-se demais,

não se lembrando que os nossos *dilettantes* tambem gostam de andar *seguros*.

Desde que vi o programma e as condições da empreza, comecei a scismar, e quanto mais scismei, mais me encomodou o nome do Dr. Gati que no fim de tudo podia apresentar-nos meia duzia de *gatos* pingados *et voila...*

Fallei no Club Mozart e por isso mesmo não devo olvidar a parte importante que tomou o violão no concerto. Esse instrumento ingrato e difficil nas mãos do distincto amador curvou-se a todos os seus caprichos e obedeceu humilde ás suas exigencias.

Um *pot-pourri* do *Trovador*, a valsa *Il Bacio* e *Les gardes de la reine* foram assim magistralmente executados e repetidos.

Ainda outros cavalheiros tomaram parte no concerto, sempre com prolongados aplausos.

Dou aqui os parabens ao Club Mozart e lhe desejo o mais amplo e prospero desenvolvimento.

Como principiei pela rabecca, devo acabar por ella. A rabecca é um instrumento tão maravilhoso e sublime para o artista, como é abjecto e infame para o diffamador.

Cá e lá mais fadas ha.

O Club Mozart tem os seus e nós temos o nosso.

CONDE DA FLORESTA NEGRA.

POESIAS.

Soneto.

Como, oh! meu anjo, eu hei de retratar-te,
se a tua formosura é como um sonho;
se o teu semblante angelico e risonho
escapa aos traços da fallivel arte?

Não ha, querida, quem de te ver se farte;
e eu quando os olhos nos teus olhos ponho,
poemas de amor eterno te componho;
esqueço-me de mim só para amar-te.

E quando escuto tua voz celeste
a revelar segredos do infinito,
de delicias minh'alma então se veste,
e louco digo : Oh! Deus, tu sê bemdito,
pois o prazer celestial me déste
de um anjo ouvir por quem de amor palpito.

DR. GROTIUS.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA — PERSEVERANÇA — RUA DO HOSPICIO 91.